



LAUFENBURG.

## UMA LENDA DO RHENO.

A SEGUNDA cataracta do Rheno (1), menos estupenda que a do cantão de Schaffhausen e situada a perto de 50 milhas de distancia desta, interrompe a navegação do famoso rio pouco abaixo da povoação de Laufenburg, no cantão de Aargau (2), onde já as margens alcantiladas e de bruta e desigual penedia vão estreitando o leito das aguas obrigando-as a correr muito mais arrebatadas, quebrando alem disso a veia d'agua os penhascos amontoados e os bancos de escolhos, até mais adiante a rapida inclinação do terreno as precipitar de certa altura e formar a nova cachoeira: forçoso é na visinhança desta paragem perigosa descarregar os barcos; e proximo da povoação está lançada a ponte, que se vê no desenho acima. O Rheno em todo o seu curso é pela imaginação popular povoado de entes sobre-naturaes, e as suas margens havidas por scenas de successos maravilhosos, versões ou texto d'outros analogos que em todos os tempos e em todos os povos acceitou a credulidade. — No sitio que apontamos voga a tradição da fada Lore, e que é na substancia a mesma que o conto de Melusina inserto em o nosso vol. 5.º — O livro, nítido e adornado de bellas gravuras em aço, intitulado —

(1) Vid. sobre este rio a pag. 9 do volume 1.º desta Serie.

(2) A que mais geral, porem corruptamente, chamam Argovia. Aargau significa provincia ou districto do Aar, o qual é um rio que atravessa o cantão suizo a que dá nome, e desemboca no Rheno.

SETEMBRO 16 — 1843.

*Sagas: legendes des bords du Rhin*, é a compilação dessas historias de prodigios e aventuras phantasiadas. Delle tomaremos a seguinte para exemplo.

No anno de 1400, Colonia era assolada pelo contagio voraz e rapido, que ceifava innumeraveis vidas, crescendo a tão subido numero a mortandade que não havia lugar nem tempo para as honras funebres, e os cadaveres eram arremeçados aos montões para as vallas amplissimas. — Vivia então em Neumarkt uma senhora mui respeitavel, por nome Richmodis, casada com o fidalgo proprietario de Aducht; cahiu enferma, e em breves dias foi do leito transferida para a tumba; seu marido a mandou sepultar no cimiterio dos santos apóstolos. Mas os coveiros repararam em que a defuncta levava n'um dedo um anel d'ouro, e resolveram despoja-la daquela joia. Clandestinamente e alta noite foram-se ao campo dos mortos; e levantada a terra, aberto o caixão, ao tomarem o dedo para extrahir o anel, o supposto cadaver suspirou profundamente e sentou-se: não quizeram mais ouvir os coveiros, e recobrados algum tanto do primeiro assombro fugiram sem attender á voz supplicante da resuscitada, e deixando-a em sua agonia desamparada (3). — A senhora Richmodis sahio da cova, tomou a lanterna abandonada pelos coveiros, e arrastou os pés como pôde até a pousada que habitára: bateu; porem quando á pergunta — «quem bate tão rijo?» — respondeu «a dona da casa» —

(3) Referem-se casos pasmosos de catalepsia; talvez que a algum delles, exaggerado pela tradição oral, devesse origem este conto.

2.ª SERIE. — VOL. II.

os criados, conhecendo-lhe a voz, amedrontaram-se, e esconderam-se em seus quartos: mas a senhora não descontinuou, até que seu marido acordando mandou aos criados que vissem quem a deshoras tal bulha fazia; ao que elles, transidos de medo, replicaram que era a alma de sua ama, que requeria entrar, e que não iriam á porta porquanto havia no mundo. O amo descompo-los de parvos, mas, como lhe certificassem que haviam reconhecido a voz da senhora, foi elle proprio á janella saber quem batia: ao divisar um vulto embrulhado n'um lençol arripiou-se-lhe o corpo, capacitando-se tambem ouvir a falla de sua esposa, que sollicitava entrada: depois, cobrando mais animo, perguntou de novo. «Quem sois vós?» — «Já não conheces a voz de tua mulher!» — tornou o vulto soluçando. — «Tão impossivel é sêres minha mulher, como que os meus cavallos soltando-se saíam da cavalheriça e subam ao palheiro.» — Inda não eram bem acabadas estas palavras, já se ouvia o estrepito dos cavallos a subirem os degraus: — o senhor d'Aducht correu a abrir a porta á sua esposa; e recobrado do pasmo deu-se pressa a liberalisar-lhe quantos soccorros lhe suggeriu o seu desvelo, para reanimar a misera senhora, semi-morta de frio, e restabelecê-la completamente.

Por bom numero de annos viveu Richmodis de perfeita saude, e até deu á luz tres filhos mui nutridos e sadios: mas desde aquelle successo ninguém a viu rir; trabalhou assiduamente a bordar uma tapeçaria em que era figurada a sua resurreição, e de que fez presente á igreja dos santos apóstolos. Finalmente, fallecida em idade avançada, a depositaram á entrada da igreja, junto a seu esposo, em mausoleu alto, do qual sabiam harmoniosos sons que enlevavam quem lhe prestava attento ouvido.

A historia desta resurreição foi pintada á entrada da porta principal do templo, para perpetua memoria; mas, confundida na ruina d'outras muitas antigualhas da cidade de Colonia, essa pintura está meia apagada: tambem procurará hoje debalde o viajante os cavallos de páu, que para lembrança do caso estavam collocados, segundo reza a tradição, á janella do celleiro da casa que habitára, como é fama, a familia d'Aducht.

MANUEL DE SOUSA DE SEPULVEDA.

V.

O contraste.

(Vêde da natureza o desconcerto!)

Lus. Cant. 3.º Est. 138.

Da raça dos leões a mais formosa, a mais truculenta e a mais classica é a africana. Desta península extensissima são indígenas a zebra, o mais bello dos quadrupedes que, á semelhança dos anacoretas do oriente, mora nos desertos — o hippopotamo, patriarcha dos rios — o avestruz, a mais gigantesca, e o pavão, a mais nobre e a mais bella das aves — a baobab, arvore-colosso, tão prestimosa e tão serviçal ao homem que a honrou elle com foros de cidadã em varios paizes do novo mundo para onde foi transplantada. Não cedem no magesioso a nenhuma do globo a maior parte das suas florestas. Rivalisam com as mais pomposas de Italia

e Hespanha as do Atlas; e tem parecenças com as do meio dia da America as de Guiné, Senegambia, Congo, e Nigricia. Das montanhas o Atlas, e os montes da Lua não degraduam da linhagem aristocratica do Himmalaya e Chimborazo. Dos metaes o ouro, que pela lavagem se extrahem em grande copia dos terrenos de alluvião, compete com o melhor de outros paizes. Mas a natureza tão generosa alli com as substancias inorganicas, as creações vegetaes, e as especies instinctivas, foi mesquinha com o homem e avara em demasia. Não é que eu julque inferior ás outras pela intelligencia e o coraço a raça africana: mas affirmo que aquella extensão de desertos areosos — que aquella cadeia de altissimas montanhas — que aquella falta de grandes golphos e mares interiores — que aquella muita distancia que separa uns dos outros os grandes rios navegaveis, isolando os homens e as povoações, e privando-os de dois commercios, qual delles mais importante, o das mercadorias e o das idéas, retém n'uma condição estacionaria de barbaridade os habitantes deste vasto continente (\*). Dai a um paiz todos os ingredientes da prosperidade, se ao mesmo tempo lhe negais os meios de communicar-se com os seus membros dispersos, a civilisação é-lhe impossivel. Dotai-o como quizerdes, o homem que se isola é riqueza bruta incapaz de aperfeiçoamento e prestimo, e mesmo no centro das sociedades policiadas objecto sem valor: e até o que habita em paizes livres, se não se encosta aos outros, acaba por ser opprimido e escravizado. Verdade profunda que convem repetir todos os dias e proclamar a todas as horas aos povos todos da nossa Europa! Depois da natureza e a arte lhes ter achanado as barreiras que podiam obstar á permutação e á convivencia, que lhes resta aos desherdados para o não ser, e aos sem amparo para se tornar fortes, senão associar-se? O segredo da força e da fortuna das multidões consiste na união. O exemplo antigo, o desengano moderno, o farol dos povos noviços na carreira social, quereis saber onde encontra-lo? Na Inglaterra da Europa, na Inglaterra da America. Mas estavamos em Africa. Voltemos a ella.

É malfadado o homem na Africa pelos estorvos que contrapõe ao melhoramento e progresso a configuração do terreno e doencia do clima: e bem que se lhe note sua feição predominante, nem todos os traços são homogeneos na phisionomia deste continente: aqui e alli apparecem, de longe em longe, os contrastes. Vê-se o Atlas que topeta com os céus; e as planicies de Çahara que se abatem e nivelam com a terra. Ha as planicies de Çahara, quadro de esterilidade e monotonia; e no meio dellas os oasis graciosos, ilhas de verdura, que são outros tantos valles regados por sem numero de nascentes ou pelas aguas do céu. Ha o frio glacial e neves eternas no cume de algumas montanhas; e ha o calor ardente da torrida nos plainos centraes. Ha nas entranhas da grande Ethiopia o anjo exterminador que despede da espada o fogo mortal das febres; e ha na paiz montanhoso de Aquapim o ar benéfico e puro de Italia, e no districto do Cabo de Boa-Esperança uma salubridade de clima, como se não logra maior em nenhum lugar do globo. Ha a Abissinia fertil e a costa de Ajan nua e çafara. Ha os fullos, raça progressiva; povo tolerante de religião, e modelo na moralidade; indole doce e pa-

(\*) Chamo-lhe ora continente, ora peninsula, porque de ambos os modos a designam os geographos.

eifica; lingua culta, poetica, eloquente quanto pôde imaginar-se. E ha os chingallas, typo de immobillidade, barbaros hoje como eram ha dois mil annos; habitando de verão em florestas impenetraveis aos raios do sol, no meio dos rhinocerontes, dos bufalos, dos javalis, das pantheras, dos leopardos, e dos leões, rodeados de sapaes onde moram o crocodilo, a serpente, o escorpião; de inverno, quando se alagam as florestas, procurando guarida nas cavernas dos rochedos escarpados: de homens tendo sómente o rosto, das feras o viver de rapina e de sangue, das selvas e das montanhas a grosseria e a rudeza.

Inculto e selvagem em grande parte do interior se mostra Africa, e a sua civilisação, se pôde dizer, verdadeiramente demora ás extremidades norte e sul; assentada sobre a ourella de terra que se banha no Mediterraneo, e enthronisada nesse promontorio que deu fama eterna ao nome portuguez.

### O Cabo de Boa-Esperança.

*Não acabava quando uma figura  
Se nos mostra no ar, robusta e válida,  
De disforme e grandissima estatura,  
O rosto carregado, a barba esqualida:  
Os olhos encovados, e a postura  
Medonha e má, e a cor terrena e pallida,  
Chcios de terra, e crespos os cabellos,  
A boca negra, os dentes amarellos.*  
Lus. CANT. 5.º EST. 39.

.....  
.....  
*Eu sou aquelle occulto, e grande Cabo  
A quem chamais vós outros Tormentorio;  
Que nunca a Ptolomeu, Pomponio, Estrabo,  
Plinio, e quantos passaram, fui notorio:  
Aqui toda a Africana costa acabo  
Neste meu nunca visto promontorio,  
Que para o polo Antartico se estende,  
A quem vossa ousadia tanto offende.*  
D.º — EST. 50.

O Cabo de Boa-Esperança pertence ainda hoje aos portuguezes tão indisputavelmente como pertence a Newton a theoria da attracção, e a do verdadeiro systema do mundo a Copernico e a Galileo. Por conquista e pela roda incessante das revoluções perde-se a terra, e, até certo gráu, o mar: mas uma propriedade ha ahí inalienavel como os espiritos e immortal como elles, que se não usurpa — a propriedade da gloria. O Cabo de Boa-Esperança é portuguez.

Bem sei eu que em vão se tem procurado para attestar o nosso dominio esse padrão S. Filippe, que alli assentou Bartholomeu Dias, o descobridor: talvez o arrancaram hollandezes, talvez o arrojaram as torrentes ao fundo do oceano. Mas, graças a Deus, a memoria das gerações é mais perenne que o bronze, e hoje os titulos e heranças não se escrevem sómente em pergaminhos de pedra.

Postou a natureza este promontorio na extrema da Africa meridional, onde elle está entre a India, a America do sul, e a Australasia, como um marco cortando em duas ametades a estrada que vai da Europa ao oriente; estancia de repouso aos navegantes, entreposto das mercadorias dos dois hemispherios, verdadeira chave do oceano indio, atalaya dos mares, e ponto capital para o senhorio

delles, que hoje cresce a consideração ainda maior pelo ascendente politico e commercial que agora mesmo acabam de alcançar na China as armas inglezas. Alli, ao norte do Cabo, na base septentrional de tres montanhas, a Meza, a *Cabeça do Leão*, e o Pincaro do Diabo, se edificou uma cidade, capital de uma colonia, extensa de 600 milhas: e sabeis vós como nessa colonia e nessa cidade tudo demonstra a importancia do sitio, e declara o segredo do futuro que está reservado ás sociedades? Entrai, e vereis o mundo desenhado em pequeno mappa. Vereis as physionomias, os costumes, e os trajos de todos os povos, as religiões de todos os paizes, as produções vegetaes de todos os climas, não trazidos alli accidentalmente pelo commercio; mas indígenas, naturalizados, amigos, irmãos, abraçados, confundidos naquella patria commum. O portuguez e o bushman, o hollandez e o negro, o inglez e o caffre, o francez e o hottentote lá nascem e vivem. Alli desabrocha, sem nenhum artificio humano, com o mesmo viço e belleza a planta da zona torrida, e a das zonas temperadas, e crescem as fructas todas dos tropicos e da Europa. E presumis que a tanta variedade de produções possa bastar uma só temperatura? Não — que naquella colonia succedem-se o gelo dos polos, a calma do equador, a primavera dos climas amenos, e o inverno tempestuoso das costas maritimas. A terra varia e veste-se de pompas differentes em duas differentes quadras: passadas as chuvas do outono esmalta-se de assucenas, de lyrios, de amarantos, e de narcisos; recende de aromas; e encanta os olhos pela magestade de umas, pelo mimo de outras, e pelo matiz variado de tantas flores. Nas outras estações outros grupos não menos magnificos enchem os campos de formosura e os homens de alegria. E tão fecundo é o torrão, que dos vinhos o Madeira, o Stein, o Porto, o Pontac, e o Constança tão precioso, alli se criam.

Mas se deixarmos a cidade, e o terreno ao sudoeste della, a lavoura e as vinhas, encontraremos no centro de descampados pedregosos a stapelia, o saião, a herva prata, o euforbio, e o aloes; algumas dellas levantando-se á estatura de arvores, e casadas amorosamente com os salgueiros e as acacias, sombreando as margens de ribeiras sempre cristalinas e opulentas. A leste, fronteiros á cidade, verdejam bosques e florestas em que se contam talvez oitenta especies differentes de páus, alguns delles de belleza incomparavel. Povoase o ar como em toda a colonia de uma infinidade de aves, ricas muitas dellas de harmonia, de cor, de plumagem. A motacilla annuncia o primeiro agomar das plantas; o cantor da primavera o desabrochar das arvores; o ampelo golbelheiro aponta o mez da congelação; a emberiza da neve apregoa os rigores do inverno; a procellaria do Cabo certifica os navegantes da sua chegada a elle; e a procellaria do pego adverte-os do temporal que se aproxima, indo empoleirar-se na pópa e prôa dos navios. A este territorio, talvez o mais notavel do mundo pela abundancia e diversidade das produções, a este quadro tão animado e extraordinario pelo pinturesco do sitio, pelo solemne das recordações, e pelo esmero dos homens, quiz a natureza, para que lhe não faltasse o sublime em nenhum genero, semea-lo até no meio do horror. Sobre a montanha, a que com rasão pozeram nome *Pincaro do Diabo*, se formam com auxilio do sudoeste essas tempesta-

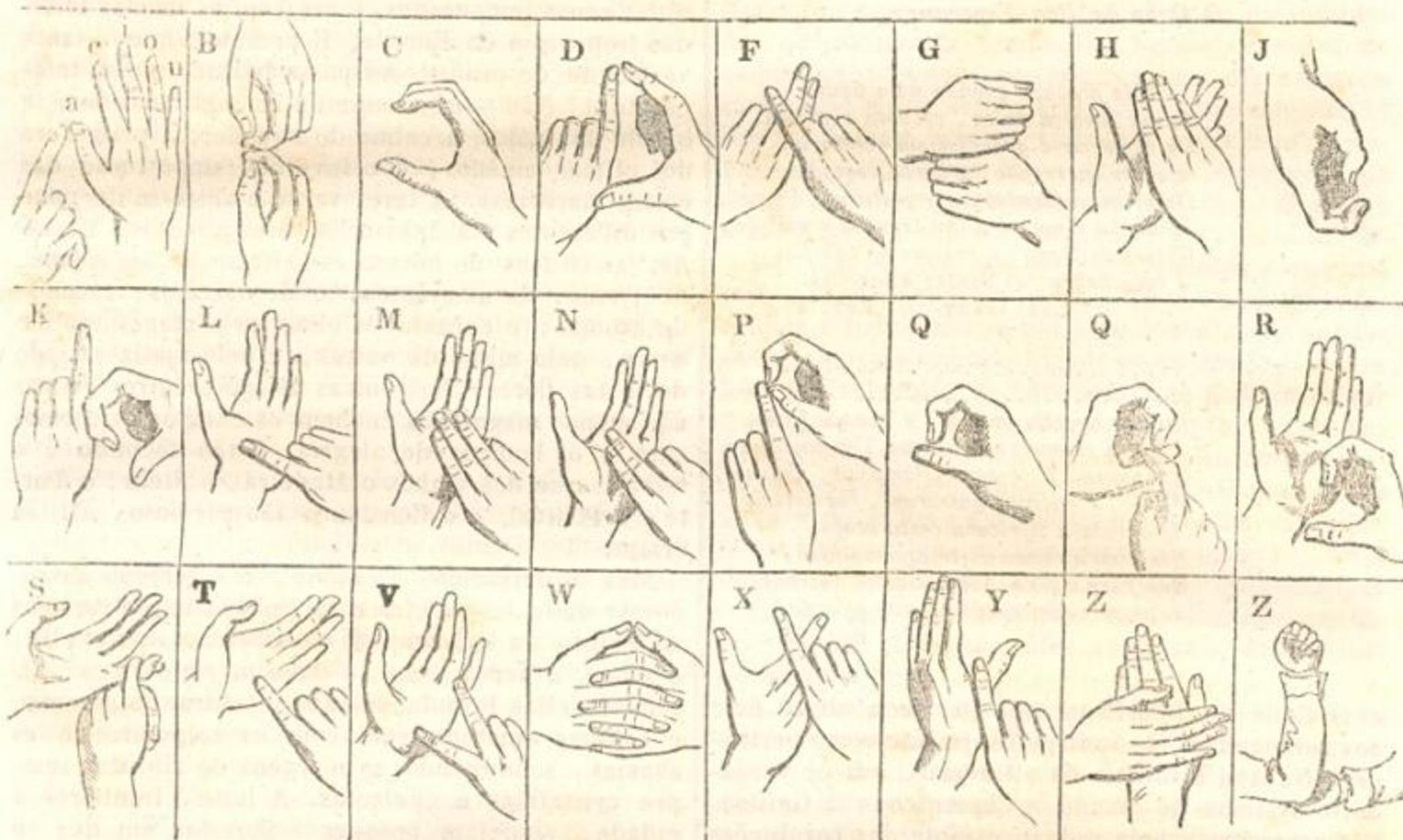
des tão temerosas aos habitantes como aos navegadores. Quando ellas assomam, a catadura dos astros infunde espanto e terror: engrandecem as estrellas aos olhos do espectador consternado, e affiguram-se andar em continuas e violentas oscillações: a lua parece, convulsa e tremula, querer despegar-se da sua orbita: e os planetas tomam uma como cauda e figura pavorosa semelhante á dos cometas!

Correi o districto: onde vos não apparecer a arte no alinhamento das ruas, na symetria dos edificios, e no primor dos jardins, vos apparecerá a natureza no esplendor da vegetação: onde a vegetação se callar, nos ermos e valles estereis, vos compensará na magnificencia dos quadros. Subi ás serras alcantis: assentai-vos sobre o topo da montanha da Meza: um soberbo panorama se despregará diante de vós: a cidade vos parecerá um xadrez, os navios botes, as ondulações das montanhas o encapellado dos mares. Se sairdes do districto, temei alongar-vos muito, que se o fizerdes e

entrardes na Cymbebasia, não haveis de encontrar alli nenhum conforto humano. Se tiverdes fome não achareis que comer, nem uma raiz sequer; porque essa terra amaldiçoada, coberta de collinas d'arêa, e armada de rochedos, odeia a vegetação. Se tiverdes sede, não achareis agna. Se quizerdes falar, não encontrareis uma lingua ou um vulto de homem para responder-vos; porque alli quasi não ha vestigio de creaturas humanas. Ouvireis, sim, vozes; mas essas vozes serão o mugir do bufalo, o uivar do lobo, e o rugir do leão, quasi os unicos senhores daquellas plagas desoladas. Para qualquer lado que lanceis os olhos, vereis a humanidade e a vida em anniquilação, e o proprio mar arrojando sobre a praia despojos da morte — ossos de tubarões, e cadaveres de baleias! Fugi, leitor, fugi e encaminhai-vos depressa para a terra do Natal (:), onde deixámos os naufragados que alli estão, ha um bom espaço, a esperar por nós.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.



ALPHABETO MANUAL DOS SURDO-MUDOS.

QUESTÕES de prioridade d'invenção se tem levantado no mundo litterario a respeito do methodo d'ensino dos surdos-mudos, pertendendo os francezes a gloria para os seus patricios; e muita gente ha persuadida de que ella cabe aos abbades ou padres L'Epée e Sicard, aliás zelosos fautores e aperfeiçoadores do methodo. Por outra parte os nossos vizinhos peninsulares, uns a querem dar ao hespanhol João Paulo Bonet, outros a attribuem ao P.<sup>o</sup> Pedro Ponce, beneditino, de quem diz Feijoo que pelos annos de 1570 a 1578 já tinha ensinado alguns surdo-mudos. — Todavia vehementes inducções, e decisivos testemunhos mettem de posse dessa gloria ao portuguez Jacob Rodrigues Pereira, que [segundo um nosso respeitavel e mui sabedor litterato] sem duvida foi o primeiro que em França, em Pa-

(:) Assim chamada do dia em que a descobriu a armada de Vasco da Gama, no anno de 1497.

ris, exercitou com publica utilidade a arte deste ensino. Vem a favor de Pereira a auctoridade de Andrés na *Historia de toda a litteratura*, e as mais citadas na erudita nota pelo supra indicado litterato communicada ao *Museu Portuense* [jornal publicado em 1839]; da qual achámos conveniente tomar o seguinte extracto. —

« Em uma obra franceza [que temos á vista] impressa em Paris em 1776, com o titulo « *Institution des sourds et muets par la voie des signes methodiques*, em 12<sup>o</sup>, sem nome de auctor; mas que conjecturámos ser do proprio abbade l'Epée, a pag. 6 se diz: —

« Mr. Ernaud, Mr. Pereira portuguez, e Madama de Santa Roza, religiosa da Cruz, foram os primeiros, que no nosso seculo se applicaram á instrucção dos surdo-mudos, sem

«terem concertado entre si o plano de suas operações... &c.»

O escriptor francez, mais amigo da sua nação do que nós, ás vezes, parecemos ser da nossa, põe em primeiro lugar a *Mr. Ernaud*, postoque logo diz «que o não conhecera nem a nenhum dos seus discipulos, e que sómente soubera de pessoas instruidas, que elle satisfazia mui bem o cargo que havia tomado.»

Não é nosso animo tirar a *Mr. Ernaud* o merecimento da prioridade, se realmente lhe compete. Sómente notaremos aqui [porque nos parece digno de notar-se] que nem a Academia R. da Sciencia de Paris, na sua Historia dos annos de 1749 a 1751; nem os sabios *De Mairan*, *De Buffon*, e *Ferrein*, que a informaram sobre os progressos de um novo alumno de *Pereira*; nem o mesmo *De Buffon* na *Hist. nat. do Homem*, dando honrosos testemunhos de approvação e louvor á arte, que *Pereira* exercitava desde 1746, dissessem uma só palavra ácerca de *Mr. Ernaud*. Ainda mais: que o rei de França Luiz 15, depois de ter ouvido, e interrogado os discipulos de *Pereira*, honrasse este illustre portuguez em 1751 com uma pensão de 128:000 rs. annuaes; que passados quatorze annos, em 1765, lhe fizesse a nova graça de o nomear seu *Interprete*; e que em todo este tempo não apparecesse *Mr. Ernaud* a vindicar a sua preferencia, ou ao menos a sollicitar as mesmas approvações e premios: e que só muito depois fosse «premiado, e tratado pela Academia, como inventor, seguindo-se daqui grande emulação entre os dois rivaes» como refere o Sr. Viana de Rezende em a nota ao n.º 3 do seu *Jornal Medico-Chirurgico*, que publicou em 1835.

Como quer que seja: no cap. 2 desta mesma obra se faz menção do *Programma* publicado por *Pereira* em 1751, sobre o methodo do seu ensino; e no cap. 3 se diz que *Pereira* e os seus discipulos lhe davam a denominação de *Dactylogia*.

O escriptor francez emenda o nome, e julga melhor que se diga *Dactylolalia*; e em quanto ao methodo [que aliás confessa não lhe ser bem conhecido] pretende refuta-lo em toda a obra, mostrando a cada passo o ciúme que [a nosso parecer] lhe causava o credito de *Pereira*, e comtudo reconhecendo, que entre os discipulos do illustre portuguez «se achavam alguns em estado de compôr obras» e que «*Mr. de Saboureux de Fontenai*, surdo-mudo de nascimento, e um dos alumnos de *Pereira*, daria disto completa demonstração, se fizesse imprimir as suas proprias produções.»—

Chama-se alfabeto manual uma serie de posturas ou figuras diversas que a mão toma para representar uma por uma as letras do alfabeto, como representa a nossa gravura, na qual em a primeira casa se vê que com os cinco dedos se representam as vogaes, e em as outras casas estão successivamente designadas as figuras para as consoantes.

Por meio deste singelo methodo, *dactylogia* ou linguagem dos dedos, podem significar-se e escrever-se não só as palavras e phrases, mas até discursos; adquire-se facilmente o uso em poucos dias.—Nem sempre é necessario formar phrases inteiras, a voz principal basta para fixar a attenção, e um gesto natural completa o pensamento.—Não deve confundir-se a *dactylogia* com a linguagem dos gestos, a mimica, a verdadeira linguagem dos surdo-mudos: a primeira só é uma especie de

escrever *no ar* que dispensa de recorrer a lapis ou penna; esta só figura as letras ao passo que a linguagem mimica representa as idéas. Com o gesto imitamos a forma do corpo, os seus movimentos, todas as acções physicas, e por metaphora os actos intellectuaes e moraes. A nossa physionomia reflecte aos olhos quanto se passa em o nosso interior; o gesto, animado com o jogo da physionomia, constitue uma linguagem natural, rica, flexivel, energica, que se presta a todos os matizes do pensamento: para exprimir as paixões não ha lingua que possa iguala-la em força e calor.

Os surdo-mudos usam uns para com os outros quasi exclusivamente da expressão mimica, e só recorrem ao alfabeto para os nomes proprios e vozes technicas difficeis d'expressar, por um gesto especial: para com as outras pessoas valem-se habilmente da *dactylogia*. Por este meio é facil conversar com qualquer surdo-mudo, com tanto que lhe figurem as palavras no idioma em que foi instruido. Nas cidades dos Estados-Unidos americanos é tão commum o uso deste alfabeto que em qualquer sociedade o surdo-mudo, sem lançar mão da escripta encontra quem o attenda e entenda, e lhe saiba responder, diminuindo-se-lhe assim a desconsoiação resultante do seu estado physico.

Desde fevereiro de 1834 que o benefico instituto dos surdo-mudos nesta corte está unido aos collegios d'alumnos da Casa Pia, estabelecida no real mosteiro de Belem.

## ECONOMIA POLITICA.

*Considerações sobre o Curso d'Economia Politica do Sr. Miguel Chevalier.*

### XII.

O COMMERCIO externo tem *causa*, *fim*, e *resultados*: tres cousas que cumpre distinguir bem, e definir, para evitar os erros em que, pela confusão e inexacta apreciação dellas, se tropeça a cada passo. A *causa* é o — *non omnis fert omnia tellus* — nem todos os climas são para todos os productos, nem a todos os povos, em circumstancias dadas, é possível ou convem produzir certos artigos. O *fim* é gozar cada nação dos productos que não tem. Os *resultados* são muitos. Obter [o que é um ganho] baratos e bem obrados alguns objectos que a industria indigena não poderia produzir senão mui caros e mal afeiçãoados. Alcançar outros [o que é uma vantagem] que ella tinha impossibilidade absoluta de crear. Abrir-se um novo mercado á produção domestica, porque é patente que com os artigos desta é que se hão de comprar os que o commercio traz de fóra. Vem depois, mas secundariamente, os lucros do negociante. Estes se converteriam em perda se as exportações, que são os generos nacionaes que elle transporta para trocar pelos estrangeiros, não fossem inferiores em valor ás importações que são os generos estrangeiros que traz ao reino em commutação ou actual ou futura dos nacionaes. Seriam nullos, pelo mesmo principio, se as exportações fossem iguaes ás importações. E serão tanto maiores quanto mais excederem as importações ás exportações. E eis-aqui porque quanto mais as primeiras se avantajarem em valor ás segundas, tanto melhor; que é a mesma razão, mui simples, porque convem ao que trans-

porta o valor de 10 trazer em troca e retorno del-  
le o valor de 20.

Consistindo pois os *lucros liquidos* do commercio externo na differença entre o preço por que se vendem no estrangeiro os artigos exportados e aquelle por que se vendem no paiz exportador os artigos importados, seria para desejar o conhecimento averiguado dessa differença por meio da publicação periodica de uma tabella de exportações e importações, que comprehendesse não só as mercadorias, mas o numerario, as letras, os creditos e as promessas de pagamento relativos a este trafico que todos elles se saldaram em ultimo resultado com mercadorias. E se essa tabella contivesse, alem do preço por que correm ou são vendidos em Portugal os generos importados, o preço por que correm ou são vendidos os exportados — o preço, não em Portugal que esse para pouco presta; mas nos paizes para onde vão expedidos os mesmos generos — bem individuada em tudo o mais e bem exacta, seria uma excellente directriz economica, e resolveria muitas questões commerciaes e muitos problemas de industria interna, ainda hoje cercados de nevoas pela falta desta luz; falta que não somos nós os unicos, todas as nações a experimentam, porque todos os seus ensaios nesta materia tem sabido imperfeitissimos.

Desta explanação sobre a theoria do commercio externo quero eu deduzir não só quão differente é a natureza do que fizemos, senhores do Brasil, para o que hoje nos é dado fazer sem aquella possessão; mas tambem quaes são as condições unicas com que, no estado presente, nosso e do mundo commercial, poderemos continuar este nobre e proficuo officio de mercadores.

Anteriormente o nosso negociar era em grande parte assim. Commutavamos as mercadorias da Asia, não portugueza, com as mercadorias de outras nações: commercio de transporte. Commutavamos os generos do Brasil — que era nosso, mas que deixou de o ser — parte com generos de Portugal [e atéqui era commercio de cabotagem]: e na maior parte com artigos estrangeiros, dos quaes uns eram para lá transportados licitamente, outros, com mascara e sello de portuguezes, por contrabando: e nessa parte era commercio de circuito.

Era na realidade em grande parte um commercio de transporte, e quanto o era, no que toca ao Brasil, tinha mais de externo que de cabotagem. Perdido o Brasil, desde então esse mesmo que tinha natureza de cabotagem colonial, se transformou, e por essa circumstancia é que eu tenho denominado *externo* a todo esse commercio.

Mas a propriedade ou impropriedade do vocabulo pouco importa, quando fica exposto o ponto de vista em que olhei o objecto: a influencia desse commercio que faziamos, sobre a riqueza nacional, é que releva apreciar.

Aquelle que manejavamos, trocando as mercadorias de nações estranhas pelos productos de outras nações, claro está que não aproveitava á nossa industria domestica senão em quanto se fazia em vasos nacionaes, porque então essa porção do capital destinado ao pagamento do frete, e construcção dos navios se distribuia por um certo numero de trabalhadores productivos do reino. O contrario seria, se os vasos não fossem nacionaes; porque nesse caso se repartiria por trabalhadores estrangeiros o que havia de ser pelos do paiz; e o capital donde sahissem esses quinhões se empregaria em be-

neficio da industria alheia, subtrahido á nacional em detrimento da mesma. Os lucros liquidos do negociante desse trafico tambem não utilisariam á nação senão em quanto fossem empregados na sua agricultura, nas suas fabricas, ou no seu commercio externo directo, entrando nas transacções como elemento de permutação os productos indigenas.

O commercio que manejavamos, trocando os productos do Brasil com os de outras nações, alimentava, mais ou menos, a industria brasileira, e só podia fomentar a da metropole, verificadas as circumstancias e condições que dissemos a favoreceriam sob o commercio meramente de transporte.

E aquelle que faziamos, trocando os productos do Brasil pelos da metropole, animava, ou mais depressa *tendia* a animar a industria da metropole: mas de feito mui pouco ou nada contribuiu para o adiantamento das nossas fabricas, segundo mostrou a experiencia. E porque? Porque os nossos fabricantes, por caros e mal obrados que fossem os seus artigos, certos do consumo exclusivo no Brasil, dormiam, como já notei, hybernavam no meio da actividade e progresso das fabricas europeas. Como as fabricas a marinha mercante podia tambem dormir, e ser bem ronceira, porque o monopolio assegurava-lhe que não encontraria no oceano, próa ao Brasil, rival que a incommodasse ou a competisse.

Era portanto esse, considerado na sua totalidade, um commercio que em parte corria, estranho inteiramente á producção da metropole, e aos artigos da sua industria; em parte se não fundava nem dependia dos progressos dessa producção ou do aperfeiçoamento dessa industria. Não se baseava pois em nenhum estatuto, em nenhum principio, em nenhum agente economico: fundava-se nessa prerogativa proficua a outras nações que a souberam utilizar, fatal a nós que a desaproveitamos, e convertemos em damno — na prerogativa do monopolio.

Eu desci a esta analyse, incorrendo até em repetições, para concluir que cessando o monopolio e tambem as circumstancias excepcionaes em que então se achava o mundo, o nosso commercio externo não póde hoje continuar estacionario como arte, independente da producção domestica como agente de trocas, estranho ao aperfeiçoamento dessa producção como instrumento de progresso e incentivo á divisão do trabalho, alheio ao adiantamento da nossa marinha mercante como industria e vehiculo de productos. Hade ser o inverso, completamente o inverso do que foi. Hade apoiar-se, medir-se, accommodar-se, limitar-se, estender-se segundo a capacidade da producção nacional, que é verdadeiramente o seu leito de Procusto. Havemos de produzir muito se quizermos dar-lhe grande margem. Havemos de fabricar e sobretudo agricultural com perfeição e pouca despeza se quizermos acrescentar-lhe os ganhos. Havemos de multiplicar e baratear os nossos transportes maritimos, se pretendermos que alem de fecundo seja nacional. Communicações faceis. Machinas muitas. Capitaes girando. Instituições de credito que os multipliquem. Juros que não sejam enormes. Fabricas bastantes. Rotações as mais; e no torrão mais fecundo, melhor. Despezas publicas que não pequem por excessivas ou inuteis. Tributos que não embarguem o desenvolvimento ás facultades vitaes do paiz. Navios bem construidos, bem manobrados, equipados

com economia; é o auxilio que reputo mais adequado ao nosso commercio externo.

Sacrificio de uma industria por outra. Derrota ao fabricante e victoria ao vinhateiro. Morte ás artes da cidade, e vida ás artes do commercio. Guerra ao creador das laãs, e paz ao productor da uva. Favor aos artigos de fabrico alheio, e odio ás materias primas de casa e de fóra. Combinações fundadas sobre o conflicto perpetuo das classes industriosas umas com as outras, da terra com as machinas, dos productos de um terreno com os de outro, das bebidas espirituosas com o pão do operario e do artista — por muito que se palleem com apparencias plausiveis não podem redundar senão em ruina geral da nação, e proveito — mas proveito temporario — do estrangeiro. A constituição defeituosa da sociedade assaz discordou já os interesses de seus membros, sem ser necessario que novo fermento venha irritar esta hostilidade radical. A habilidade politica e a economica cifra-se hoje no mitigar, o que se possa, a fricção desses interesses.

Passo ás linhas de comunicação maritima.

Póde um individuo sem inconveniente e com proveito até em vez de construir fretar embarcação para a si se transportar e aos seus generos. Um paiz não póde sem perda de interesses, e sem danos de outra ordem que não é minha intenção investigar, fazer em vasos alheios todo ou a maior parte do seu tráfico externo. O fabricante que em lugar de as ter proprias, toma machinas de aluguel, e o povo que freta em vez de armar á sua custa machinas de locomoção maritima, desherdam-se ambos — um de parte do beneficio das invenções mechanicas, o outro d'uma boa parte d'aquelle logradouro universal e estrada incomparavel que a munificencia divina legou ás nações — o mar! O commercio nacional que se transporta em navios estranhos priva-se da potencia do vapor, do movimento das ondas, e do impulso dos ventos, e renunciando aos dons gratuitos do céu e da terra, vê-se andar como captivo por aquelle mesmo oceano, ultimo refugio da liberdade opprimida. Avilta-se á face da humanidade e da civilização o povo que esquecido das tradições da sua gloria maritima cursa a vastidão das aguas — como um fardo de fazenda e um cadaver sem movimento — por industria e esforço alheio.

Se o imperio do oceano nos fugiu para nunca mais voltar, ao menos não seja tanta a degradação nos que descendem dos navegadores illustres do seculo 15 e 16 que outros mareem e mercadejem por elles. Precisâmos de promover a nossa marinha mercante. O plano mais efficaz a consegui-lo sou eu incompetente para o apontar: mas julgo que posto a despojassemos do favor dos differenciaes, ainda nos restam outros meios de aviventa-la, e entre elles a protecção á Companhia das pescarias, por um lado; e por outro a frequencia nas carreiras longinquas. Em geral póde dizer-se que os melhoramentos mais capitaes de que ella carece, se hão-de introduzir na arte do constructor nacional e no regimento e economia da navegação, donde resultem barateza e rapidez de transporte, diminuição do risco do navio e da carga. Aquelles mesmos que parecem insignificantes são de grande monta e influencia no commercio. É notorio que a ligeireza e melhor qualidade dos cabos permittiam aos hollandezes manobrar os seus navios com menos custo que os outros povos, e que desta circums-

tancia, á primeira vista pouco attendivel, procedeu a sua preponderancia maritima por espaço de dois seculos. Aos cabos de linho que seguravam as ancoras succederam as cadeias de ferro, que são hoje muito usadas, e que, sobre outras vantagens, portam com maior facilidade. Outros melhoramentos haverá que quadrem á nossa marinha mercante, e julgo que para se formar juizo seguro dos mais idoneos, e ao mesmo tempo da inferioridade em que vamos neste ramo tão difficil, o melhor guia seria um inquerito geral sobre elle.

Outra falta, assaz grave, e uma das mais empeciveis ás nossas exportações, é a falsificação de alguns generos que exportâmos. Por milagre seu multiplicam-se as pipas de vinho do Porto, de primeira qualidade; mas na mesma proporção desce o preço e o credito deste primoroso liquido. A adulteração pratica-se no reino, e fóra d'elle, nos proprios armazens de Inglaterra. Esta fraude que começa castigando severamente aos que a não comettem, acaba por ser nociva aos proprios delinquentes, e o resultado da culpa de alguns vem a abranger a todos os productores e negociantes do mais valioso artigo que levâmos aos mercados estrangeiros. Como a contrafacção avilta o genero e o seu valor, os que o conservam genuino vêem-se, em muitos casos, obrigados a falsifica-lo para ganhar na quantidade aquillo mesmo que perdem na qualidade, e de desvio em desvio, recrescendo a occasião por uma quebra de fé mercantil succede vir á arruinar-se o mais rico monopolio que possui este paiz: por criminoso abuso do homem acontece assim que venham a ser estereis os raios solares com que a natureza epulentou o torrão do Douro. Não é, como outras, esta burla commercial da natureza daquellas, que prejudicam a poucos, e se corrigem, no mercado nacional, desfreguezando um vendedor fraudulento, e frequentando mais, com lucro delles, os que o não são: aqui o vendedor é a nação, não um individuo; o descrédito affecta o genero, não é só aos particulares que o adulteram; padece o paiz exportador todo elle. E como a liberdade não tem em si providencias contra este mal, é forçoso que o nação que o soffre as vá buscar a outra origem, e procure um meio que não dê de rosto e fira de encontro ao fim; ao fim que é a prosperidade, a qual nestas circumstancias se não póde conseguir por meio da liberdade.

Para prover a este grave damno não nos resta senão recorrer a leis que o acatelem no reino, e a regulamentos consulares ou internacionaes que o previnam e emendem fóra d'elle; executar os vigentes; e promulgar os que faltam. Como no vinho, o sentiriamos já no trigo, se do ultimo fizessemos exportações consideraveis; porque já ha exemplo de termos illudido a confiança do comprador estrangeiro, e nas remessas faltado dolosamente ás amostras, e á nossa palavra, com injuria que o é da honra, e o póde ser do interesse nacional.

(Concluir-se-ha).

A. d'O. Marreca.

## Bibliographia.

Curso de Direito Natural &c. por V. Ferrer Neto Paiva. — Coimbra 1843 — 2 vol. 8.º

CENTRO e instituição principal do ensino superior no

nosso paiz, a universidade de Coimbra offerece nas phases da sua existencia um dos meios mais seguros para podermos avaliar os progressos ou decadencia das sciencias e das lettras em Portugal. Em todos os tempos, desde a sua fundação até hoje, é por ella que a historia se tem regulado para avaliar o estado da intellectualidade nacional. E, de feito, é daquelle foco de luz que por cinco seculos se tem derramado a illustração para todos os angulos de Portugal, illustração boa e verdadeira porque em harmonia sempre com o estado e precisões da nossa sociedade.

Sejam quaes forem as mudanças que a nova organização politica do paiz, as suas novas necessidades, e as doutrinas mais esclarecidas do seculo actual nos obriguem a fazer no systema do ensino publico, é minha convicção profunda que a universidade, longe de se dever guerrear com o intuito de a anniquilar ou pelo menos de lhe diminuir a importancia, se hade augmentar e completar, convertendo-se em verdadeiro santuario da sciencia no mais alto e puro sentido destas palavras. Quanto mal ella póde produzir — e é incontestavel que no estado actual da instrucção publica aquella academia póde gerar, e talvez gera já, graves danos sociaes — tudo isso nasce não da essencia do instituto, mas da falta de philosophia politica que tem presidido a todas as reformas até agora feitas no ensino publico. Quando a universidade representar tanto em extensão, como em intensidade, o maximo gráu de progresso scientifico; quando as condições litterarias exigidas para ser inscripto no livro dos alumnos forem taes que só capacidades eminentes possam arrostar com as difficuldades postas á frequencia das faculdades, e ainda depois disso á acquisição dos gráus; então o influxo daquelle instituto será de muitos modos benefico, e as unicas accusações attendiveis e sérias que se fazem contra elle cabirão completamente por terra.

Posto pertença áquelles a quem incumbe organizar a instrucção publica, estabelecer por via da lei esta ordem de cousas de um modo fixo e positivo; todavia ao alcance dos professores está o ir aplanando o caminho para essa gravissima reforma. São elles, que podem trazer pela pratica a doutrina; pelo facto o preceito. Posta realmente a sciencia na universidade a par dos conhecimentos no resto da Europa, o mais é comparativamente facil, logo que haja um governo que entenda o verdadeiro systema d'ensino nacional, em relação aos interesses moraes e materiaes da nação.

Muitos dos novos professores da universidade tem concebido claramente estas doutrinas e avaliado a sua importancia. Os compendios sobre diversas materias que se tem publicado em Coimbra nestes ultimos annos são disso prova cabal. Elles destroem os preconceitos arreigados em muitos espiritos contra a universidade.

Estes preconceitos são de dois generos, ambos ridiculos, tacanhos, e indignos de entendimentos alumiados. Segundo uns, com as cabelleiras do Marquez de Pombal, com as abbatinas, e com certos ademanos de uma gravidade estudada e de linguagem oracular, a sciencia desapareceu. Professores mancebos, cheios de energia, de vida intellectual, de amor da gloria, e vendo diante de si a imprensa, que hoje tem o direito de os julgar, são incapazes de conservar e augmentar o esplendor das lettras, porque fallam como os outros homens e com elles, porque trajam e vivem como

toda a gente. Esta é a preocupação dos filhos do seculo passado, preocupação innocente, que a morte vai diariamente desfazendo até a anniquilar de todo. Segundo outros a universidade é *velha* porque é *antiga*, e por isso incapaz de progresso; logica de peralvilhos, logica bruta que em vez de melhorar o que é susceptivel de ser melhorado, o destroe, sem examinar se ahí havia alguma cousa util e respeitavel que aliás se não póde supprir; como se a nação não fosse ainda mais antiga que a universidade, e se para a elevar á grandeza e civilização do seculo fosse preciso anniquila-la e substitui-la por outra nação amassada de novo barro. Estes taes suppõem estabelecido na ponte do Mondego um embargo perpetuo para os livros, para os instrumentos scientificos, para as idéas, para tudo o que representa actualidade e progresso, porque fóra de Lisboa não suppõe possivel salvação litteraria, e as barreiras da capital são os limites do seu orbe cathedratico. Similhante crença, não é innocente como a dos velhos, é absurda, mas perigosa. É della que nasce em boa parte a guerra lenta, mas tenaz que se vai alevantando, não contra o que a universidade tem de máu, que essa é justa e legitima, porem contra a sua existencia, o que é altamente insensato.

A grande resposta que a universidade tem dado, e me parece hade continuar a dar, são as prelecções dos seus professores, os seus compendios e livros. Não creio cegar-me pela amisade se asseverar que nesta lucta grande e nobre um dos campeões mais distinctos é o Sr. Vicente Ferrer, auctor dos *Elementos de Direito das Gentes*, e que este anno acaba de publicar o seu *Curso de Direito Natural segundo o estudo actual da sciencia*. Encarregado do ensino daquelles difficultosos ramos da sciencia que tocam por um lado na critica da rasão pratica ou philosophia moral, e por outro na jurisprudencia positiva, o Sr. Ferrer vencendo os embaraços que lhe offerecia a gravidade da materia, e ao mesmo tempo as distrações a que o tem constrangido a carreira politica em que por vezes o lançou já o voto dos seus concidadãos, elaborou e redigiu no meio desses embaraços e agitações dois compendios importantissimos, que não só fallam pela universidade, mas honram o paiz, que póde gabar-se de possuir professores dignos do seculo em que vivem, e da grave missão do magisterio, que lhes foi confiada.

Constrangido a seguir nas suas prelecções o compendio de Martini — *Positiones de Lege Naturali* — adoptado pelo Conselho da Faculdade de Direito, o Sr. Ferrer applicou-se principalmente a dois fins: a illustrar as obscuridades frequentes naquelle celebre escriptor, e a modificar as suas doutrinas pelas dos mais affamados auctores modernos e pelos proprios estudos e cogitações. Assim o Curso do Sr. Ferrer é uma especie de commentario perpetuo a Martini e ao mesmo tempo o resumo substancial das opiniões dominantes, principalmente na Alemanha, paiz que por via de regra é o foco de toda a sincera e verdadeira sciencia. N'uma epócha em que a liberdade chama todos os cidadãos a avaliarem os proprios direitos e deveres, o livro do Sr. Ferrer não é uma obra puramente universitaria. As obrigações, e os direitos politicos e civis lá vão assentar na jurisprudencia natural. Importa conhecer esta para conhecer até onde se estendem tanto umas como outros.

(A. Herculano.)